

} 3.4

Teoria das lágrimas¹

“E quando for dia, eu te peço, Agamemnon, rei de guerreiros, que mandes ajuntar lenha em bastante quantidade para que o fogo incansável tire do morto o seu fantasma”. Aquiles está diante do cadáver de Pátrocolo, as lágrimas sumiram-se-lhe do rosto, correm subterrâneas pelas galerias de quartzo da alma. Dominada a paisagem da dor, tojos ardentes do solstício, impõe-se resolver as charadas do Mundo. Aquiles veio da tenda onde rasgou as vestes, descobriu no rigor do pranto submetido, cavaleiro cego, o significado da morte. Adestrado pela ciência das mulheres, as que sabem dos enigmas que se decifram por si, afagará as areias que o amigo pisou. As lágrimas de Aquiles cintilam na ausência das estrelas, gémeas da condição dos bichos visados pela lança que os há-de atingir.

“Sinto aquela morte triste, e dura para ti, e para o Reino, que tão certa vejo naquele amor, que esta me causa”. Inês afirma desconhecer o medo, viver para buscar a origem da tragédia. Chocará a haste de hera evaporada que à beira de uma fonte uniu seu pulso ao de Pedro. Sonhará com o fulvo leão que lhe há-de dilacerar os ombros, com os lobos brancos que vieram devorar-lhe as entranhas. Inês persevera na ignorância do fim, o mais delicado dos alimentos da paixão. As lágrimas que verter cristalizarão nas gemas da coroa de rainha finada que a há-de cingir. O vento secar-lhe-á as faces, crescer-lhe-á contra a frágil sombra da figura a idade dos filhos do seu orgulho de amante. Não haverá quem a subtraia à redoma de luz da eternidade.

¹ O presente texto foi publicado no álbum de José Rodrigues, *O sentimento trágico da vida*, Porto, ASA, 2003 e 2005.

"Quando ia a estender os braços, tudo desapareceu". As lágrimas de Werther ocultam o mármore da mortalidade. O jovem debruça-se no sono, consente em que os morcegos lhe sobrevoem a cabeça. Werther envelhece ao sopro de uma tumba descerrada, desconstruído da ceifa da juventude. Passou por aqui, durou um beijo, bebeu o veneno dos vivos conscientíssimos. Werther ascendeu aos cimos da mais perfeita aura dos enamorados. Não pergunta, não reclama, nasce do casulo fulgurante do sofrimento do coração.

"Estavam em pé junto à cruz de Jesus sua Mãe, a irmã de sua Mãe, Maria, mulher de Cléofas, e Maria Madalena". Do seio de Maria é que o corpo do Crucificado resvalará para a terra. Não há quem peça ao rosto materno que não transforme o fio das lágrimas na amarra que a prende ao Concebido, outro cordão umbilical. As companheiras do luto dissipam-se, levadas por seu negócio sem ninguém a enterrar. Maria exige o cálice de bálsamo e a esponja de fel. Torna-se-lhe eterno o júbilo na mágoa em que fica. Não soluça, não canta, espraia-se pelo limbo das chagas onde o sangue não cessa de correr. E todo o defunto se converte na criança jacente no regaço da que o trouxe na barriga.

Mário Cláudio